

ensinamento 21 autoestima

Apesar de a realidade mostrar que a maioria dos estudantes de pós-graduação tentará uma carreira na área de ensino, há pouco ou nenhum foco em nos treinar para sermos professores. O pressuposto parece ser que professores que estão se preparando para ensinar nos níveis fundamental e médio precisam de formação específica, mas não os que estão estudando para ser professores universitários. Nesse contexto, não surpreende que o problema da autoestima nunca seja levantado como uma questão que todos os professores talvez precisem abordar a fim de nos prepararmos para ensinar com excelência. Sempre se aceitou a noção de que pessoas inteligentes têm boa autoestima e, portanto, não precisam se esforçar para fortalecê-la. Na verdade, várias crianças "inteligentes" nutrem sentimentos profundos de baixa autoestima e aprendem que o sucesso acadêmico pode ser o melhor disfarce.

Em termos gerais, a maioria das pessoas pensa que autoestima significa sentir-se bem em relação a si mesmo. Oferecendo uma compreensão mais ampla de autoestima, o psicoterapeuta Nathaniel Branden compartilha a ideia de que a autoestima completamente realizada é "a sensação de sermos apropriados

para a vida e para as exigências da vida". Ampliando a explicação, ele afirma que

a autoestima é a confiança em nossa habilidade de pensar, confiança em nossa habilidade de lidar com os desafios da vida e confiança em nosso direito de sermos bem-sucedidos e felizes, o sentimento de ter valor, de merecer, de ter direito a afirmar nossas necessidades e desejos, alcançar nossos valores e aproveitar os frutos de nossos esforços.

Dada essa definição, fica evidente que o desenvolvimento da autoestima deveria começar cedo na vida, sendo reforçado à medida que o indivíduo cresce e amadurece. De fato, escolas públicas constituem um espaço educativo onde se debatem questões de autoestima, geralmente em relação às necessidades de crianças pobres de grupos explorados e/ou oprimidos desprovidos de direitos. Para muitas dessas crianças, a escola se torna o local onde, Branden sugere, recebem uma segunda chance, "uma oportunidade de adquirir uma ideia melhor de personalidade e uma perspectiva de vida melhor do que a oferecida em casa". Obviamente, é um pressuposto comum no cenário das escolas públicas de hoje que a escassez de recursos e a superlotação das salas de aula dificultam a prática do ensino. Nesses contextos, há pouco espaço para reparar a autoestima ferida.

Como professora universitária, encontro estudantes com a autoestima profundamente ferida. Essas feridas são sérios obstáculos para o aprendizado. Estão presentes tanto em estudantes com baixo índice de sucesso acadêmico, vindos ou não de grupos explorados e/ou oprimidos e possivelmente de famílias

disfuncionais, quanto em estudantes que talvez tenham bastante confiança em sua inteligência, mas que provavelmente também venham de lares disfuncionais onde foram envergonhados e desrespeitados. Em meus primeiros livros sobre ensino, falei sobre como a educação que recebi na graduação agredia uma autoestima já frágil. Em minha experiência, professores que tinham prazer em envergonhar e humilhar estudantes específicos, escolhidos como bodes expiatórios, eram o padrão. Em geral, eram homens e, com muita frequência, brancos. Quanto mais eram considerados "brilhantes" por seus colegas, mais se sentiam autorizados a desumanizar e violentar estudantes impunemente.

Com frequência, dou palestras em faculdades de artes liberais pequenas, exclusivas, predominantemente brancas, onde estudantes negros ou não brancos expressam profunda raiva em relação ao racismo da instituição e à prática racista de professores brancos. Isso sempre me levou a refletir sobre as razões pelas quais aqueles que são considerados os melhores e mais brilhantes desses grupos escolhem recorrer à "branhitude" para receber educação e então gastar uma enorme quantidade de energia reclamando da onipresença da branquitude. No entanto, ao longo dos anos, reunindo-me com vários desses estudantes e ouvindo suas histórias, percebi que o cerne de suas reclamações frequentemente não é apenas o racismo, mas a maneira como professores violaram seu espírito, desrespeitando-os e envergonhando-os. Se você cresceu em escolas onde era "escolhido" e, às vezes, saudado por ser inteligente, é quase traumático entrar depois em instituições de ensino superior onde talvez você seja simplesmente ignorado. Nesses locais, você pode ainda ser o melhor e mais brilhante, mas os

professores talvez não demonstrem qualquer interesse por suas respostas ou por sua performance acadêmica, invisibilizando-o. Essa prática de desumanização é muito mais insidiosa que qualquer ataque direto. De fato, quando alguns professores me ridicularizaram ou foram sarcásticos, atacando minha autoestima, em geral reagi com raiva, para me abrigar e me defender. A manutenção dessa raiva foi, frequentemente, um obstáculo que me impediu de vivenciar o prazer do aprendizado. Felizmente, encontrei alguns professores, raros em meu tempo de faculdade, que me ofereceram a oportunidade de aprender o pensamento crítico e que me mostraram como ter discernimento.

Um dos principais problemas envolvendo autoestima em sala de aula é que a maioria dos professores carece desse traço de caráter, que é crucial. Ao mesmo tempo que são muito capazes de aprender com os livros, vários professores vêm de famílias disfuncionais e de escolas onde o pensamento independente era desencorajado e punido, onde envergonhar, culpar e abusar verbalmente era a norma. Não é de se espantar que nossas salas de aula sejam frequentemente espaços dominados por valores autoritários. Ao descrever o contexto que produz a criança interior ferida, o terapeuta John Bradshaw conclui que regras familiares fundamentadas na prática de envergonhar negam as cinco liberdades: "poder de distinguir, de pensar e interpretar, de sentir, de querer e escolher e o poder de imaginar". Essas regras estão presentes em pedagogias venenosas. Quando estudantes me procuram com histórias sobre como sua humanidade foi agredida por professores, sobretudo por professores tiranos com os quais precisam fazer disciplinas obrigatórias, eu os incentivo a enxergar essa inevitável realidade

como uma prática para o fortalecimento da autoestima. Se a falta de autoestima de um estudante é tão grave a ponto de o fato de estar em uma sala de aula ameaçar sua vida, ele deve ser orientado a buscar ajuda apropriada e alternativas necessárias. Espero que, à medida que a pedagogia progressista ganhe mais espaço, haja caminhos para que as pessoas em formação para serem professores, seja no ensino básico ou no superior, trabalhem sua autoestima ferida.

Enquanto professores universitários continuam a falar pouco sobre autoestima, aqueles entre nós que se importam escutam o espírito devastado de nossos estudantes quando eles nos procuram, de portas fechadas, e, infelizmente, quando os visitamos em hospitais ou clínicas, onde tentaram descansar a vergonha em paz, por meio do suicídio. Nesses momentos, sentimos quão profunda é a desesperadora perda de seu senso de personalidade. Não raro, professores negam o enorme poder que manejamos em relação à autoestima de um estudante. Professores que reconhecem esse poder têm muito mais probabilidade de usá-lo para criar consciência nos estudantes, de tal forma que eles possam se dar conta do próprio potencial. É o professor quem deve reconhecer, em primeiro lugar, o tesouro escondido no estudante que tem a autoestima ferida. Trabalhar para revelar esse tesouro é o processo mútuo que prepara o terreno onde o estudante construirá uma autoestima saudável.

Tenho testemunhado o processo de crescimento psicológico de estudantes negros que aprendem a descolonizar a mente, deixando para trás os resíduos de uma doutrinação racista que não permitiu que tivessem um terreno firme onde construir uma noção positiva de personalidade e identidade. Nos primeiros anos em que dei aulas na universidade, também sofri, de

certa forma, uma lavagem cerebral e senti que meu papel principal era transmitir conhecimento, que minha função não era ser terapeuta. Ainda assim, logo ficou evidente que, se a falta de autoestima era uma barreira para o aprendizado dos estudantes, eu teria que ajudá-los a trabalhar em sua remoção, para que a informação e o conhecimento que eu esperava compartilhar pudessem ser alcançados por eles de forma construtiva.

Passai a aceitar a necessidade de assistir meus estudantes em seu crescimento psicológico quando comecei a enxergar esse trabalho como algo que enriquecia minha prática de ensino, em vez de diminuí-la. Isso ficou ainda mais evidente quando encontrei estudantes muito inteligentes com desempenho fraco, devido à baixa autoestima. Se eu quisesse ensiná-los, teria que abordar essa questão. Certamente, há vários estudantes “inteligentes” que conseguem aprender as regras do jogo de armazenar informação e vomitar fatos quando necessário, o que faz parecer que uma autoestima saudável não é essencial para o processo de aprendizagem. No entanto, suas falhas ficam aparentes à medida que os acompanhamos ao longo dos anos de estudo e quando iniciam suas carreiras como professores. Eles são mais propensos a se tornarem autoritários, autocráticos, infelizes em sala de aula, sádicos com os estudantes ou simplesmente maus.

Professores conseguem promover uma autoestima saudável entre os estudantes quando demonstram ter consciência de seu potencial e valorizá-lo. Isso não significa que elogios devem ser distribuídos indiscriminadamente. Significa, sim, que chamar atenção para as qualidades de um estudante e incentivá-lo a trabalhar a partir dessa base pode proporcionar a confiança necessária que é chave para construir uma autoestima saudável.

Em minha sala de aula, trabalho para ensinar os estudantes a como avaliar o próprio progresso, para que eles não trabalhem com a finalidade de me agradar e obter notas boas. Eles são empoderados quando trabalham de maneira a reconhecer que são responsáveis pela nota que recebem. Esse empoderamento reforça uma autoestima saudável.

Espero que no futuro todos os professores sejam formados para considerar a autoestima saudável um componente crucial e necessário do processo de aprendizagem, tanto para professores como para estudantes. Quando essa consciência se tornar lugar comum, todos teremos oportunidade de crescer psicologicamente, de tal forma que o ensino e o aprendizado sejam um espaço para a superação de problemas, no qual respeito mútuo, cuidado e cooperação sejam a base de uma educação significativa.